

GTPOS

Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual

EDITORIAL

Segundo levantamento sócioeconômico realizado pelo IBOPE em 1996/97 em municípios com mais de 20.000 habitantes, o Estado de São Paulo tem o maior índice do país de televisores por domicílio, com cerca de 96%. As regiões Norte e Nordeste têm 13% de domicílios sem nenhum aparelho de televisão, e no Centro-Oeste 65% dos domicílios têm um aparelho de televisão.

Que a televisão reina como principal veículo de comunicação em nosso país, não há dúvida. Assim como a “irmã caçula” internet, ela veio para ficar. Cabe a nós refletir sobre a convivência com o que a tecnologia moderna nos traz.

Ao lado de sua poderosa força propagadora de informações, a televisão é disseminadora de valores e comportamentos, criando, reiterando ou modificando padrões éticos; enfim, propondo modelos de relação entre os indivíduos e a sociedade.

Neste número do **Boletim GTPOS** discutimos, no artigo de capa, o transbordamento de sexualidade (ou de sexo?) cada vez que ligamos a TV; o foco e a eficácia das campanhas televisivas preventivas das DSTs, e finalmente, a contribuição do grupo TVer, orientando o telespectador sobre uma atitude mais ativa frente à tendência hipnotizante da televisão. Informação, diversão e qualidade podem andar juntas!

GTPOS

De sexo, neoliberalismo e bundas

por Antonio Carlos Egypto

Lembram-se do tempo em que o sexo era um tabu, assunto proibido, reprimido? Agora não é mais assim. Fala-se de sexo a toda hora, virou assunto público – ou publicável. A mídia se esbalda. Nos jornais e revistas há para todos os gostos, desde pornografia pesada a nus artísticos, colunas de sexo, especialistas dando conselhos, personalidades respondendo: “Qual o lugar mais estranho onde você já fez sexo?” e por aí vai.

Na TV, cenas de sexo nas novelas, reportagens escandalosas e sensacionalistas, bunda e pagode, personagens como a Tiazinha e a Feiticeira, a banheira do Gugu, concurso de crianças erotizadas no Raul Gil. Na internet, uma festa de erotismo e pornografia, é só navegar e se deixar levar...

Tudo muito às claras, sem restrições e quase sem limites. Afinal, precisamos ser livres, usufruir da democracia pela qual tanto lutamos, não é mesmo?

A questão que fica é: esta “liberdade” é verdadeira? As pessoas estão melhor informadas? São mais felizes agora?

Não sei, não. Esta exposição pública da sexualidade parece que não está ajudando a mudar muita coisa. Passou-se do *nada pode* ao *tudo pode*, sem nenhum critério. Há quem ache que é o reverso da mesma moeda: a repressão pelo excesso.

Mas o que se estaria reprimindo, se agora é tudo tão escancarado? O que sempre se impediu e continua sendo interdito é a reflexão. O que não pode é se pensar criticamente sobre o tema, entendê-lo, discutir a sério, mudar condutas para valer, para avançar, mesmo.

O sofisticado programa *Erótica*, da MTV, exemplifica isso. Tudo muito “soft”, numa cama de motel – a sensual Babi acolhe tudo e todos. Ao lado, a explicação e o aval médico de um jovem e com-

CONTINUA NA PÁGINA 2

De sexo, neoliberalismo e bundas

CONTINUAÇÃO

petente profissional, com seu *laptop*. Nada os surpreende. O comedimento emocional é a tônica. A tolerância é absoluta, as respostas técnicas, ou de senso comum. Informam, claro. Contribuem para reduzir preconceitos, talvez. Produzem reflexão? Não. Onde *tudo pode*, não há o que pensar.

A superexposição do sexo o banaliza, excita sem explicar, sem promover debate algum, e assim fica tudo como está – e sempre foi. A garotada continua desinformada, achando que sabe tudo; as piadas preconceituosas e cheias de estereótipos que cercam a sexualidade continuam parecendo engraçadas (sinal de que não elaboramos o assunto, continuando a ser muito preconceituosos). As pessoas podem parecer mais livres e mais felizes, pelo menos as figuras públicas tendem a passar essa imagem, mas são de fato? Não creio. Se nunca soubemos conversar sobre sexo, não me consta que tenhamos aprendido. O diálogo sobre esse assunto está, frequentemente, ausente ou é superficial na família, na escola e, paradoxalmente, na mídia.

A TV, por sua natureza, impede a reflexão, pela profusão de imagens que se sucedem incessantemente. É preciso desligá-la, ou desligar-se dela momentaneamente, para poder pensar.

Na contramão das tendências da mídia atual surge uma publicação semanal chutando o pau da barraca. É a revista *BUNDAS*, anárquica, provocativa e maliciosa, de oposição declarada à pasmaceira neoliberal. Tudo com muito humor e emoção. Esta vibra, traz novos pontos de vista e faz pensar, mas é da imprensa alternativa, que não consegue anunciantes (é a retomada do bom e velho *Pasquim* dos tempos da ditadura).

Aí é que está. O sexo hoje é apenas objeto de consumo. Nudez vende? Sacanagem vende? Apelando, faz sucesso? Estamos aí, não há problema. É o deus *mercado* que determina o

que devemos fazer. O capitalismo neoliberal dos nossos tempos dispensa valores, ideologias, respeito e ética. Em nome do mercado – o árbitro de tudo – tudo pode. E não é só no sexo, está claro. Os homens e as mulheres valem pelo que consomem ou pelo que se deixam consumir.

Para se opor a esta lógica, é preciso investir no processo de educar, dialogar sempre, enfrentar o que é difícil, arriscando-se a pensar. Em casa, na família, discutindo o que se ouve e se vê e estabelecendo limites.

Na escola, abrindo um amplo e contínuo debate sobre a sexualidade, as drogas, a política e todas as questões que envolvem a cidadania. É preciso incluir em vez de excluir. Promover debates em todos os espaços possíveis: pensando, questionando, discordando, se indignando. E também tendo coragem e liberdade para ficar na dúvida. É por aí que se pode sair dessa.

As informações estão nos livros, jornais, revistas, internet, até na TV. É possível ir atrás. Mas informação sem reflexão não muda comportamentos. Se não nos dispusermos ao diálogo, onde se ouse pensar o problema e não repetir os discursos de sempre, ninguém vai ser mais livre ou mais feliz, sendo bombardeado por imagens eróticas (ou pornográficas) ou ouvindo papinhos “descolados” dos arautos da moda da pós-modernidade. E aí, vocês concordam? Ou não?

Onde tudo
pode, não há
o que
pensar.

dicas de Antonio Carlos Egypto

Que tal um pouco de cinema que faz pensar?

Felizmente ainda há muita vida inteligente nos cinemas, para além da indústria dos efeitos especiais.

◆ Vale a pena ver Woody Allen em ótima forma, em “*Desconstruindo Harry*”, transbordando talento e humor ao lidar com fragilidades e incertezas humanas, na relação entre a arte e a vida. O filme esperou um ano para estrear nos cinemas de São Paulo. O mercado parece não gostar mesmo de coisas inteligentes...

◆ Outro grande filme é o irlandês “*Nó na Garganta*” (*The Butcher Boy*), do competente diretor Neil Jordan, que trata dos meandros da mente humana a partir dos estímulos externos. Também esnobado pelo mercado, ficou só uma semana em cartaz em São Paulo. Ainda bem que existe o vídeo para a gente poder apreciar esta bela produção.

◆ Mais popular e igualmente talentoso é o inglês “*Um Lugar Chamado Notting Hill*”, justapondo o desejo e a insegurança masculinos diante da fama, encarnada numa mulher maravilhosa. O roteiro é um primor e o humor, de primeira.

◆ O dinamarquês “*Festa de Família*” de Thomas

Vinterberg mostra a desagregação familiar, através de mentiras, aparências e agressões, tendo como detonador o abuso sexual.

◆ Sexo discutido a sério é o que se vê no último filme de Stanley Kubrick “*De Olhos Bem Fechados*” (*Eyes Wide Shut*). É para não perder e se ver com atenção, de olhos bem abertos.

Cinema também serve para pensar e discutir a realidade. Não é só “entertainment”.

O CDI – Centro de Documentação e Informação do GTPOS sugere livros, vídeos e outros materiais relacionados ao tema do Boletim, com o intuito de auxiliar o educador em seu trabalho. Não comercializamos este material, podemos apenas fornecer endereços de quem os produz.

R E C A D O A O S E D U C A

DiferenCidade

por Karen
Marques Rosso
Ishiguro

O I EPA - Encontro Paulista de Adolescentes - que aconteceu de 13 a 15 de agosto nas dependências da Biblioteca Monteiro Lobato em São Paulo, reuniu 350 jovens de diversos bairros da capital paulista e de várias partes do Estado de São Paulo (como Campinas, Mocóca, Rio Claro, Santa Bárbara e outras), Rio de Janeiro e Minas Geraes. Muitos desses jovens participam de ONG's de prevenção das DST/Aids, gravidez indesejada e Orientação Sexual. Outros trabalham com teatro, música, dança, capoeira. Também estavam presentes outras pessoas afim de conhecer o trabalho dessas ONG's.

O tema do **I EPA: DiferenCidade – Atuar para Transformar** foi escolhido

porque traduz as diferenças culturais, valores e costumes entre os jovens do nosso estado. Achamos que São Paulo seria o local ideal para vivenciar estas questões, pois aqui é um dos lugares onde está concentrada uma enorme pluralidade cultural entre os brasileiros.

Nós adolescentes coordenamos 15 oficinas, para debater problemas, atitudes, situações e dilemas do nosso cotidiano, e juntos tentar resolvê-los. Eu era um desses adolescentes. Nervosa, ansiosa e insegura, afinal, eram duas oficinas para coordenar! Ainda representei o GTPOS no encerramento do encontro: estava no palco sozinha, mas ao mesmo tempo, estavam todos dentro de mim. Ví muitos sorrisos vindo em minha direção e me senti confortada.

Durante o encontro, tivemos oportunidade de participar de atividades como palestras sobre diversos temas, como “A desigualdade social e os direitos humanos”, danças indígenas que mexiam com o corpo e a alma das pessoas, mesas de debate, encenação dos temas do nosso álbum “*Adolescência e Vulnerabilidade*”, e o momento mais especial na minha opinião, foi o show da DiferenCidade, onde os jovens foram fantasiados de algum tipo de cultura existente na sua cidade. E logo em seguida houve o show de bandas de diferentes gêneros musicais, desde pagode, hap, reggae, hardcore e MPB.

Pude observar que as pessoas sempre estavam sorrindo e rodeadas de novos amigos. Foi triste para todos o final do I EPA, pois foi difícil sair daque-

**III CONFERÊNCIA BRASIL
JOHNS HOPKINS UNIVERSITY****HIV/AIDS 1999**

20 a 22 de Outubro

Hotel Intercontinental – RJ

**SEMINÁRIO SOBRE
TRANSMISSÃO VERTICAL
DO HIV**

17 a 19 de Novembro

Salvador – BA

**10º ENCONTRO NACIONAL DE
VIROLOGIA E 2º ENCONTRO
DE VIROLOGIA DO MERCOSUL**

21 a 24 de Novembro

Centro de Convenções Curitiba – PR

**5º ENCONTRO NACIONAL
SOBRE AIDS PEDIÁTRICO**

16 a 19 de Novembro

Centro de Conv. Rebouças – SP

Telefone: (11) 3044-3538/3044-3549

**III CONGRESSO DE
PREVENÇÃO**

6 a 9 de Dezembro

Centro de Conv. Rio Centro – RJ

Tema: DST/Aids na População em
Situação de Pobreza

D O R E S

le “espírito” e ter que se despedir das pessoas. Com certeza essas pessoas foram embora do nosso EPA um pouco mais felizes, realizadas e confiantes no poder que nós jovens temos para ajudar o nosso Brasil a mudar para muito melhor. Espero que todos tenham sentido essa força e que os próximos encontros tenham toda essa energia como teve o I EPA. O que me deixou mais feliz foi poder vivenciar uma experiência como essa, que reuniu pessoas tão diferentes mas com muitos objetivos em comum. Crescer, buscar, trocar, unir e mudar para muito melhor!!

► **Karen Marques Rosso Ishiguro é adolescente multiplicadora do Projeto “Trance essa Rede”**

PARA ALÉM DO POLÍTICAMENTE CORRETO,
AQUI CABEM AS MAIS ATREVIDAS INDAGAÇÕES

Os direitos do telespectador

por Eugênio Bucci*



Grupo TVer reúne professores, psicanalistas, jornalistas, advogados e outros profissionais interessados em discutir televisão e em levar essa discussão ao público. Logo na sua fundação, há cerca de um ano, o grupo TVer adotou como princípio a defesa do que chamamos de “direitos do telespectador”. A seguir, alguns desses direitos.

1) Ser informado de modo independente, recebendo os dados necessários para que forme sua própria opinião.

As emissoras, que operam a partir de concessões públicas de canais, devem se subordinar ao direito do cidadão de ser bem informado. Não é tolerável que uma emissora que é concessão pública viole esse direito para privilegiar interesses privados de seus proprietários.

2) Estar protegido do sensacionalismo que potencializa a violência e a criminalidade.

O sensacionalismo em torno da criminalidade desinforma o telespectador sobre o bom funcionamento da política e da Justiça. Além disso, humilha os suspeitos mais humildes ao submetê-los a entrevistas ofensivas (nos programas sensacionalistas, só os pobres são humilhados por esse método).

3) Ser respeitado em sua condição religiosa, sexual e étnica.

A manifestação de preconceitos pela TV ofende a integridade de alguns em particular e a dignidade de todos, no plano geral. O telespectador tem o direito de não ser ofendido quando liga a televisão.

4) Ter uma alternativa às redes nacionais obrigatórias.

As transmissões oficiais, quando acontecem num horário único, retiram ao telespectador o seu direito à escolha. Que se garanta a veiculação das mensagens que os poderes da República julguem de interesse público, mas que se encontrem fórmulas para se respeitar o direito de escolha do telespectador.

5) Ter acesso a bancos de imagem com a memória da TV brasileira.

As bibliotecas devem ser públicas porque a democracia pressupõe que o acesso à informação também deve ser público. Mas hoje boa parte da informação já não se encontra nos livros: ela está nas imagens eletrônicas da televisão. Bancos de dados públicos com imagens em vídeo são hoje um direito.

6) Telefonar, mandar faxes, cartas ou e-mails para as emissoras – e para os anunciantes – e ser bem atendido e obter respostas satisfatórias.

O telespectador deve ser ouvido não apenas quando é convidado a opinar no “Você Decide”, mas sobretudo quando pensa ter algo importante a dizer, como cidadão. É direito seu obter uma resposta esclarecedora e gentil. É seu direito ter uma abertura para que suas opiniões possam ir ao ar (as emissoras de TV devem ter lugar para exibir e debater opiniões do telespectador).

7) Defender-se.

O telespectador, quando ofendido, ou quando desinformado, não tem a quem recorrer. O Ministério Público, no entanto, já tem dado mostras de que pode atuar como fiscal dos direitos do telespectador. Ele pode vir a ser uma das instituições de defesa do telespectador. Além dele, entidades da sociedade civil podem atuar como fatores de pressão diante de emissoras e anunciantes, além de ajudar o telespectador a recorrer ao Poder Judiciário na defesa de seus direitos.

* Eugênio Bucci é jornalista e participa do grupo TVer.

O Boletim GTPOS agradece a gentil contribuição do grupo TVer.

Sobre o número de parceiros

por Maria Aparecida Barbirato

A última Campanha da Coordenação Nacional das DST/Aids acertou no tema, ao destacar a importância e a necessidade da prevenção e do tratamento das doenças sexualmente transmissíveis curáveis. Elas aumentam significativamente os riscos de transmissão e de infecção pelo HIV nas relações sexuais sem proteção. E, até o momento, têm sido descuidadas pelos Programas de Saúde Pública, e, via de regra, têm seu tratamento mal encaminhado pela população desassistida. Muitos fatores estão envolvidos nesta questão, alguns dos quais já abordados em matéria do Boletim GTPOS nº 12 – “A Endemia Invisível”.

Pretendo me deter aqui num outro ponto em que acredito, a Campanha atual se equivoca: refere-se à sugestão da diminuição do número de parceiros sexuais como forma de prevenção. O tema está dando pano pra manga, especialmente num Fórum inaugurado em 28/7 no site da CN DST/Aids: www.aids.gov.br. E não é para menos!!!

Ao longo da história da Aids, temos acumulado evidências da eficácia do uso do preservativo no enfrentamento da epidemia. A experiência também tem nos mostrado que a incorporação deste hábito não é tarefa fácil, que se resolva apenas com a prescrição do seu uso. Mas tal dificuldade, com certeza, não será solucionada com a proposta de diminuição de parceiros. Mais difícil do que transar com camisinha é ficar sem transar! ...

No site da CN DST/Aids estão disponibilizados vários artigos e resumos de trabalhos relacionados ao número de parceiros, e ao número de exposições/atos sexuais em relação ao risco de infecção pelo HIV. Mas me chamou atenção que a maioria deles não incluiu o uso do preservativo como variável importante no tratamento desta questão.

Que transar sem camisinha, em tempos de aids, implica um risco de infecção pelo HIV diretamente proporcional ao número de parceiros, é ciência matemática. Mas, o seu inverso não é verdadeiro, necessariamente. Estão aí mulheres casadas e monogâmicas, infectadas, para exemplificar meu raciocínio.

Fazer sexo com camisinha é muito mais seguro do que fazer sexo sem camisinha, independentemente do número de parceiros, em ambos os casos. Trocando em miúdos, muito mais do que **quanto** eu transo, o que vai determinar meu grau de exposição ao HIV será **como** transo.

A primeira grande pesquisa nacional sobre o comportamento sexual do brasileiro realizada pelo Ministério da Saúde em parceria com o CEBRAP, e divulgada em 20 de setembro último, aponta que o uso do preservativo é prática comum entre 44% dos jovens entre 16 e 25 anos. A frequência de seu uso cai para 23,9% se incluirmos a população adulta nesta conta. Também revela que das pessoas com vida sexual ativa, 81,5% dizem manter relacionamentos estáveis com apenas um parceiro; 6% possuem apenas parceiros eventuais e 12,5% referem parceiro habitual e parcerias eventuais. Dentre estes últimos, 34% não utilizam o preservativo na relação estável, mas usam-no nas relações eventuais; e 32% não usam o preservativo em nenhum dos dois tipos de relação. Somam 66%. Os outros 34% não estão referidos. Imagino que usariam o preservativo, às vezes, aqui ou lá. Hipótese minha.

A pesquisa também reafirma o que há tempo já sabemos: que informação não se traduz automaticamente em prevenção. E os dados acima ilustram a variedade de caminhos (e descaminhos) percorridos entre um ponto e outro. A negociação destas variadas possibilidades, e de outras aqui não consideradas, é íntima, pessoal e intransferível.

Como a aids não suspendeu o desejo sexual das pessoas, administrar seus riscos é da alçada de cada um. E, também neste assunto, cada um só faz o que pode.

Entendo que compete a nós, que trabalhamos com prevenção, disponibilizar informações e favorecer condições – disseminando experiências bem sucedidas neste campo – para que a população cuide, da melhor forma que puder, da sua saúde sexual. Não mais do que isto.

**A aids
não suspendeu
o desejo
sexual das
pessoas.**

BOLETIM GTPOS

é uma publicação trimestral do GTPOS - Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual financiada pela Unesco e CN DST/AIDS - Ministério da Saúde.

Rua Monte Aprazível, 199
Vila Nova Conceição
04513-030 São Paulo/SP
Brasil
Fone (11) 822.8249
Fax (11) 822.2174

EQUIPE DO GTPOS:**Presidente de Honra:**

Marta Suplicy

Presidente:

José Luiz Brant de Carvalho

Vice-Presidente:

Ricardo de Castro e Silva

Antonio Carlos Egypto, Cordélia de Souza Castelo Branco, Dalva Taveira Menocci, Elisabeth Bahia Figueiredo, Elisabeth Maria Vieira Gonçalves, Francisca Veitias Vergueiro Vonk, Maria Aparecida Barbirato, Maria Cecília Pereira da Silva, Maria Cristina Domingues Pinto, Maria da Glória Camargo Macruz, Maria Rosa da Silva, Ricardo de Castro e Silva, Rosângela Maria Rigo, Sílvia Duarte Bock e Yara Sayão.

Secretaria: Lane Ferreira

Magalhães

CDI - Centro de**Documentação e Informação:****Atendimento:** Leonardo

Acquaviva Pavez

Bibliotecária: Clara A. M.

Ruggiero - CRB/8-5571

Consultoria: Maria Delcinea

Feitosa

Captação de recursos:

Maria Cecília Apostolopoulos

Coordenação Editorial:

Francisca Veitias Vergueiro Vonk

Colaboraram nesta edição:

Antonio Carlos Egypto, Elisabeth

Bahia Figueiredo, Elisabeth Maria

Vieira Gonçalves e Maria

Aparecida Barbirato

Apoio: Fundação MacArthur**Jornalista responsável:**

Nelma de Fátima Firmiano (MTB

13582)

Projeto e Edição de Arte:

Moema Kuyumjian

Impressão: Gravasa**Tiragem:** 8.000 exemplares**DIAS 5, 6 E 7 DE NOVEMBRO**

Capacitação Inicial para o Trabalho de Orientação Sexual com crianças - 16 horas de duração

DIAS 22, 23 E 24 DE OUTUBRO

Capacitação Inicial para o Trabalho de Orientação Sexual com adolescentes - 16 horas de duração

OFICINAS DE PREVENÇÃO ÀS DST/AIDS PARA EMPRESAS

Projetos elaborados de acordo com a solicitação e necessidade de cada empresa

Informações e inscrições pelos telefones:

(11) 822.8249 e (11) 822.2174

Os pagamentos podem ser parcelados em 2 vezes

SERVIÇO**ATENDIMENTO DO CDI**

O Centro de Informação e Documentação é um serviço do GTPOS aberto ao público.

Nossa biblioteca e videoteca são especializadas nos temas: sexualidade, DST/Aids e drogas.

Além dos livros e vídeos, dispomos de apostilas, relatórios, manuais, cartilhas, anais de congressos, artigos veiculados na mídia. Todos os itens podem ser consultados no local. Fornecemos listagens e indicações bibliográficas por fax, correio e e.mail.

Rua Monte Aprazível, 199

Vila Nova Conceição - São Paulo - CEP 04513-030

Fax: (011) 822.2174 / Tel: (011) 822.8249

Atenção para os novos endereços eletrônicos:

gtpos@that.com.br

cdi@that.com.br

Netsite: <http://web.that.com.br/gtpos>

Horário de funcionamento do CDI:

segunda à sexta-feira, das 13h30 às 17h30

Dia Nacional de Luta por Medicamentos

Esta manifestação realizada em 8/9/99 resultou de uma declaração feita à imprensa pelo Ministro José Serra em 20/08/99 sobre a falta de verba suplementar para a compra dos medicamentos fornecidos pela rede pública para mais de 170 mil pessoas doentes de aids, malária, tuberculose e outras. Como é de conhecimento de todos, o acesso universal e gratuito aos medicamentos na rede de saúde pública reduziu os índices de mortalidade por aids em 40% no país, 60% em São Paulo e 50% no Rio de Janeiro.

Lamentavelmente, a pauta no que diz respeito à presente matéria não tem sido debatida no Congresso Nacional, sendo de sua competência o encaminhamento e a resolução deste problema.

Esperamos que não seja necessário o aumento do índice de mortalidade para que a verba solicitada venha a ser suplementada.

ERRATA

Refere-se ao artigo: **“Pensamento - Sexualidade e Cultura”** uma contribuição psicanalítica (publicado no Boletim nº 15 - Abril/Junho 99). Na última frase do artigo há uma citação de Wilfred Bion (psicanalista inglês) que por uma falha nossa, lamentavelmente, aparece com seu sentido bastante alterado, sugerindo o oposto do que o texto conclusivamente levaria a pensar.

Onde se lê - “criando o espaço do sonho a dois onde a unidade mortal é o par”, **leia-se:** **“criando o espaço do sonho a dois onde a unidade é o par”**.

BOLETIM Nº 16 JULHO/SETEMBRO 99

GTPOS

GTPOS - Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual

Fone (11) 822.8249 Fax (11) 822.2174

Rua Monte Aprazível, 199 - Vila Nova Conceição

04513-030 São Paulo / SP

